



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO II N.º 16
MARÇO DE 1959

Composição e impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B R A G A =

QUANDO penso em S. José, não gosto de imaginar um velhinho, embora simpático, já um tanto vergado ao peso dos anos impiedosos que não perdoam. Muito menos imagino brancas, as longas e veneráveis barbas que o Menino Jesus, segundo a reprodução de muitos pintores e santeiros, muitas vezes teria derrilhado, carinhosa e sorridentemente, com as suas mãozinhas papudas e rosadas.

Nem tão pouco me satisfaz aquele ar de avô a dar a falsa ideia dum alma aquebrada, a viver somente para contemplar, admirar e amimar o Divino Infante, beatificamente sentado nos braços já cansados.

E não me satisfaz nada disto, porque, embora eu saiba que S. José foi humilde querendo, voluntária e heróicamente, ocupar um lugar discreto no plano da Redenção, também sei e acredito que ele foi o chefe, o responsável, o pai. E estas altas funções exigem energia, vigor, força e idade nada conformes com as imagens que no-lo mostram já velho, cansado e um tanto trémulo.

A Sagrada família passou por vicissitudes tão difíceis e extraordinárias que só um homem enérgico, vigoroso e resolutivo seria capaz de vencer, mesmo suposta a inspiração do Alto.

E estas qualidades não estão em oposição com a admirável e altíssima santidade daquele que devia ser o modelo dos pais cristãos. Antes pelo contrário, valorizam a sua virtude, completam a sua personalidade e ajudam a missão sublime de que foi encarregado por Deus.

S. José foi, portanto, o Pai de família honesto, humilde e obscuro por sua própria vontade, mas com dignidade e prestígio suficientes para por a salvo o bom nome do Filho de Deus e de sua Mãe Santíssima.

Era ponderado, grave e avisado, mais por força da virtude do que por imperativo da idade.

Teve força e tempo para, durante largos anos, presidir à Família de Nazaré, para sustentá-la com o esforço do seu braço, para defendê-la com resoluções enérgicas e rápidas sem deixarem de ser sempre justas e prudentes.

E' verdade que os seus maiores títulos de glória são os laços íntimos que o unem a Jesus e a

Maria, mas não há dúvida que o Santo Patriarca correspondeu e colaborou activa e perfeitamente com a graça de Deus.

Foi o Pai, (não no sentido profundo e completo da palavra, como sabemos do Catecismo) foi o Chefe, o Responsável, o Defensor da família de Jesus.

E' sobretudo isto que hoje mais me interessa realçar, para que os pais de S. Paio, aprendam com o glorioso Patriarca a cumprir cada vez melhor a sua grande e exigente missão.

Porque o Pai, antes de mais nada, em sua casa, deve ser o modelo irrepreensível de honestidade, de dignidade, de serenidade, de honra, de mortificação e sobriedade, de justiça e de bondade, de cumpridor exacto de todos os deveres religiosos, cívicos e morais. Só depois disto é o Chefe com autoridade para exigir obediência, respeito e veneração.

A este ideal deve sacrificar tudo :

— A liberdade, fazendo do lar o centro de toda a sua vida efectiva e afectiva;

— A força e a saúde, gastando-as generosamente em prol do bem estar daqueles que Deus confiou à sua guarda e defesa;

— Sacrificará até, um pouco do amor que os

filhos lhe dedicam, quando tiver de os chamar ao cumprimento do dever com austeridade e energia.

Eu queria dizer muito mais, mas já vai longo o discurso. Termino.

Pais de S. Paio, tendes sido sempre assim dignos, virtuosos, sacrificados e conhecedores das vossas responsabilidades ?

Então eu vos envolvo com S. José, de quem sois imitadores, no mesmo preito de admiração e de louvor que tributo ao vosso glorioso modelo cujo mês estamos a celebrar.

Honra, pois, glória, louvor e admiração ao Pai S. José e aos seus heróicos imitadores.

Que o grande e bondoso S. José vos ajude a ser sempre esposos amados e fiéis; pais dignos, obedecidos e respeitados; cristãos fervorosos, corajosos e sinceros.

S. JOSÉ,

Pai adoptivo...

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica

A nossa Igreja tem história

(Conclusão)

Vamos no ponto em que a Igreja de S. Paio, já com três naves e capela-mor a cheirar a tintas frescas, fazia dizer às lavadeiras, nas horas de côrar a roupa, que Igreja como a nossa, assim limpinha e com ares de moça nova, não havia nas redondezas. Mas o P. Bento não concordava com os dizeres da gente da barreira. Nem ele, nem o capelão P. Ledo, o seu "Ledinho", como o P. Bento lhe chamava. É que a frontaria era pobre, a torre metia "nojo", e por um credo que a Igreja era mais larga que comprida. E com a alma, envolvida em esperanças o P. Bento via os dias a passar.

A 18 de Janeiro de 1895 apareceu morto o José Lameiro de S. Paio de Cima, assassinado barbaramente e o P. Bento tão desgostoso e sentido ficou, que por dias lhe fugiram da alma os entusiasmos e os sonhos da sua futura Igreja. Há golpes na alma de um pároco que deixam feridas onde o sangue corre, corre e não mais pára de correr.

Mas o mês de Fevereiro, com ser o mês dos catarros e dos gatos ao soalheiro, reservava-lhe uma surpresa feliz. A notícia levou-lha o P. Ledo. O Sr. Barão de Maracanã, velhinho, mal segurando os seus 89 e pico, fazia mais um gesto daqueles que no livro de Deus os anjos escrevem em letras fundas. Sua Excelência doava à Igreja a tentadora esmola de dois contos de reis.

Dinheiro recebido, obras recomeçadas. A planta estava feita e a sua execução foi logo tratada por um conto e 800.000 reis com os mestres Francisco José da Silva e Manuel Gonçalves Carapito. O Ex.^{mo} Sr. Barão ainda chegou a saber da notícia, mas a sua hora de Deus tinha chegado. Foi por ele que os sinos dobraram pela última vez na torre velha.

Em Abril deitaram-se abaixo a torre e a frontaria. A Igreja foi aumentada no seu comprimento mais 30 palmos, elevado o seu tecto, à excepção da capela-mor e acrescentou-se mais um arco às naves.

Em 1896 a 16 de Maio, os pedreiros retiraram com toda a sua tralha, levando nas algibeiras 1.844\$525. Tínhamos, enfim, uma Igreja quase totalmente nova.

Logo que os pedreiros retiraram, o sr. Manuel José Alves de Azevedo, negociante no Porto, que conhecemos já como benemérito das obras, com tanta lei lhes ficou

que não descansou enquanto não mandou colocar, à sua conta, um pára-raios, não fosse descer por aí abaixo, uma faisca desgovernada e prantar com tudo em terra, de uma só assentadela.

Pouco depois foi a vez dos carpinteiros. Mestre Manuel da Cunha Pereira, de Vila Fria, assentou aí arraiais com um formigueiro de officiais. Ao que parece, os artífices, a começar pelo Mestre que passava os dias em viagens a negociar madeiras, percebiam pouco da poda e ainda menos do officio. O P. Bento, naquela linguagem sem curvas nem meias tintas que o seu temperamento aberto lhe ditava, dizia que todos eles, se exceptuarmos o Rita de Vila Fria e o Dias de Mazarefes, que podiam ser mestres do mestre, "não valiam os guizos de um gato..

A seguir aos carpinteiros vieram os tro-lhas e se aqueles primavam pela incompetência, estes eram exímios na economia das forças pessoais. Os homens vinham resolvidos a não dispender as suas energias ao desgoverno. Enfim, só retiraram quando raparam o queijo bem rapado por dentro e por fora.

Sinos antigos havia quatro, mas todos tão pequenos que não condiziam com a torre nova. Deixaram-se o do Norte e o do Sul e compraram-se dois um para o Nascente, outro para o poente.

Em 1898 foi levantado com ar de festa o novo cruzeiro. O dr. Teotónio José da Fonseca, no seu livro "Esposende e o seu concelho", elucida-nos sobre a natureza deste cruzeiro: "É em granito, bem trabalhado. A sua cruz com a imagem de Cristo Crucificado eleva-se no alto de uma coluna de fuste em espiral com videiras enroscadas, tendo na frente a imagem da Virgem e na base, os martírios da Paixão de Cristo..

Quando em 1903, Sua Magestade o Rei D. Carlos veio à Figueiró assistir às manobras, andava a assentar os azulejos da Igreja o trolha Caramalho.

Eram 11 horas do 1.º de Dezembro do ano de 1904, quando entrou na igreja de S. Paio, pela primeira vez, entre flores e repiques de sino, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo de Braga D. Manuel Baptista da Cunha. Ainda hoje, no lado da Epístola, uma placa de bronze nos dá memória desta visita.

CALDINHO DOS POBRES

*É no «fundinho» da malga
Onde se encontra o melhor:
Só a pobreza é tigela
Que não tem fundo, Senhor!*

*Povo d'Antas... Mar, e Varzea
Subindo aos montes vizinhos.
— Assim tão cheio de graça
E cheio de pobrezinhos!*

*Não tens rasgão d'avenidas,
Chaminés a resfolgar;
Do Mar, só tens o sargaço
Que as ondas te queiram dar.*

*Tens a enxada, entre leiritas
De terra tão apertada
Qual repartido ninheiro
Onde não cabe a ninhada.*

*Tristinhas mãos sem trabalho,
São tantas que nem às mil;
Se ao menos, livres, pudessem
Dar-se à Africa e ao Brasil!...*

*Depois, o tempo finado,
Aí que ruim! tormentório!
— Nem dois séculos, rezando,
O tiram do Purgatório.*

*

*Povo d'Antas... Quanta casa,
Cheia de escuro e fominha,
Não sai a pedir, — sabendo
Topar na rua a vizinha...*

*De manhã, Avé-Marias;
Padre-Nosso, ao meio-dia;
À noite... rezas sem caldo
Nem lume na lágea fria.*

*E sonham esta ventura:
— Um tróço de horta; ao cachão,
Golpe de azeite; e, por cima,
Bom miolinho de pão.*

*Desgraçadinhos! E, nós...
— Sendo em Cristo e estando à mesa, —
Quem não lembra a seus irmãos
Sem migalha e lenha acesa?!*

*

*Senhor Reitor: bem o prega,
E assim o penso também:
— Sopa dos Pobres. — Mas, só,
Quem o pudera? Ninguém!*

*No entanto, — sendo infinito —
(Não é verdade, ó Reitor?)
Parece que Deus nos manda
Tornal-o ainda maior!*

*Mãos à obra! Almas à obra!
Não faltará quem ajude:
Nobres Casas, lavradores,
Acção em Deus, Juventude*

*Desde o «fumeiro» à moenda,
Desde a hortinha ao pinheiral...
— O meu pucarinho de Antas!
Caldeirão de Portugal!*

*Isto, já! E, a quando e aonde
Não chegar o nosso braço ..
— Deus está na Igreja de Antas
E no Terreiro do Paço!*

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Com o apoio do Sr. Secretário de Estado do Comércio, trabalha-se para a organização de uma cantina paroquial, que forneça alimento às crianças pobres das nossas escolas.

Se todas as dificuldades forem vencidas, confiamos em Deus que sim, já temos a promessa de um carro de milho cada ano — virá da Quinta. — Uma Senhora, há tempos, já prometeu o azeite. E para fazer umas papinhas só falta a água!...

S. Ex^a Reverendíssima mostrou-se encantado com a linda igreja de S. Paio e pôde dizer, no almoço que lhe foi servido em casa do Ex^{mo} Sr Dr. José Bernardino de Abreu e Gouveia, que a última igreja que visitava em 1904 era a de S. Paio e que fôra tão feliz que fechava a visita pastoral com chave de ouro.

Então sim, era verdade que a Igreja de S. Paio era uma linda igreja. Podiam pois as lavadeiras de Soleimas ou de Agra do Relógio contar às águas do rego que igreja como a nossa não havia nas redondezas.

Tomada de Hábito

Raul Azevedo Saleiro, filho de Manuel Afonso Vaz Saleiro e de Maria da Cruz Azevedo, 10mou, no dia 2 de Fevereiro, na Congregação do Espírito Santo o hábito eclesiástico.

Esta freguesia já deu para esta Congregação 5 sacerdotes. Dois estão em Angola, um na Régua, um em Viana e um em Coimbra.

Frequentam os seminários da mesma Congregação 6 rapazes desta terra um dos quais, Ernesto Azevedo Neiva, já fez os votos perpétuos

«A messe é grande e os operários são poucos».

NOTICIÁRIO

Baptizados

António Meira de Sá, filho de José de Sá e de Maria Gonçalves Meira, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 15/2. Padrinhos: José Matias da Rocha e mulher, Cândida Ribeiro de Azevedo.

Carlos Viana da Cruz, filho de Manuel Alves da Cruz (Lindinho) e de Alzira da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte; foi baptizado a 21/2. Padrinhos: Anselmo Faria Viana e Cecília Faria Viana.

Mário da Cruz de Sá, filho de Cândido Fernandes de Sá e de Justino Alves da Cruz, residentes no lugar da Pereira; foi baptizado a 8/3. Padrinhos: Manuel Faria e Maria Alves da Cruz Viana.

Albino Torres Pereira, filho de José Lourenço Pereira e de Maria Maltês Torres, residentes no lugar de Guilheta; foi baptizado a 8/3. Padrinhos: Albino Alves de Faria e Virginia Maltês Torres.

Maria Cândida Sampaio Faria, filha de Manuel Lourenço de Faria e de Maria dos Santos Sampaio, residentes no lugar de Azevedo; foi baptizada a 11/3. Padrinhos: Albino dos Santos Sampaio e Maria Ribeiro Agra.

Óbito

Amélia de Sá Caseiro, de seis meses de idade, filha de Manuel da Cruz Caseiro e de Neide de Carvalho Sá, faleceu a 28/2.

Comunhão Pascal dos Doentes

No domingo de Ramos, dia 22 de Março, será a comunhão pascal dos nossos doentes.

Que lindo vai ser!... O Senhor em triunfo pelos caminhos da nossa terra! Qual nova estrada em Jerusalém, à semelhança dos meninos, todos cantaremos a aclamar Jesus: « Hossana! Hossana! » Benedito seja o que vem em nome do Senhor!

Sexta-Feira Santa

Não te esqueças de, às 3 horas da tarde, guardar um minuto de silêncio e de recordar que a morte de Jesus Cristo foi a tua «Vida». Não te esqueças, também, de vir à igreja fazer a Via-Sacra e adorar a cruz do teu Salvador.

A cruz é o sinal mais. (+) E... por isso, ele te diz:

— Na vida, mais verdade; mais justiça; mais Fé; mais Esperança; mais amor ao próximo e mais amor a Deus.

Visita Pascal

Nos dias de Páscoa, Domingo e Segunda-feira, teremos a visita a todas as casas da paróquia.

Não julgueis que o fim da visita pascal é recolher os folares ou as esmolas para os lugares Santos e S. Pedro. Não. O fim da visita é benzer as casas e comunicar a todos as alegrias da Ressurreição.

O pároco ao abençoar, ao mesmo tempo que lança a água benta, dirá: — «A paz do Senhor esteja nesta casa e em todos quantos nela vivem».

Eis o dia que o Senhor fez: exultemos e alegrem-nos nele. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Peregrinação a Fátima

Comemoram-se este ano, como já dissemos, as bodas de prata da Acção Católica Portuguesa. Para mais solenizar esse acontecimento, reunir todos os filiados e pedir a protecção da Padroeira, realiza-se uma peregrinação de penitência a Fátima, nos dias 4 e 5 de Abril. Da nossa terra, se Deus quiser, tomará parte nesta peregrinação um grande número de filiados ou simpatizantes da Acção Católica.

A viagem será feita em autocarro e o preço de cada lugar é de 100\$00.

* * *

Está a dar os primeiros passos, nesta terra, a Liga Agrária Católica. A organização especializada para os homens católicos do meio rural

Daqui, dirigimos a todos os homens de boa vontade o convite para nela ingressarem e assistirem às reuniões.

A L. A. C. pretende, primeiro que tudo, formar os seus filiados: fazer deles cristãos conscientes da sua fé e dos seus deveres, homens que vivam apaixonadamente a doutrina de Jesus e sejam no seu meio « um testemunho vivo de Cristo ».

Partiram

Para Moçambique, onde já está o marido, partiu, na companhia de seu tio Augusto, Dalila do Céu Torrinhos-Neto.

Para a Argentina, de novo partiu José Moreira de Faria. E para a França: Justino Dinis Neves Lapeiro, João Moreira de Sá, José Vieira, Luís Vicente Rei e José Azevedo Viana.

— Do Brasil, regressou Manuel Neves Lapeiro.

Há tempos chegou também do Brasil, Cândido Alves da Cunha.



Arménio Pires Laranjeiro, de 58 anos, o nosso sacristão, faleceu.

Foi às vinte e duas horas e meia do dia 6 de Março, 1.ª sexta-feira, que Deus o chamou repentinamente à Sua divina presença. Foi sacristão na nossa igreja durante 41 anos. Homem bom, servicial, estava sempre pronto a ajudar a todos. A nossa igreja lhe ficou a dever o asseio que desde há muito é admiração de quem nela entra. Ajudou diariamente com carinho e solicitude, os quatro últimos párocos de S. Paio. E tão bem o fazia que os párocos vizinhos chamavam-lhe, em tom de gracejo, o Vice-Reitor.

Nas vossas orações não esqueçais a sua alma, pois muitos de vós com ele aprenderam, na Catequese, a amar a Deus.

Deus dê o eterno descanso à alma do seu fiel servo.

ESMOLA DO OVO

Mês de Janeiro

	1959	1958
S. Paio de Cima	6\$70	5\$50
Igreja	7\$50	8\$20
Monte	47\$80	46\$30
Azevedo	74\$00	54\$50
Pereira	16\$20	17\$70
Estrada	24\$30	22\$00
Guilheta	82\$70	83\$00
Belinho	59\$00	55\$50
	318\$20	292\$70